



OS ASPECTOS IDEOLÓGICOS PRESENTES NA CRÔNICA “O MARIDO DO DR. POMPEU”, DE LUÍS  
FERNANDO VERISSIMO

Por Lajla Katherine Rocha Simião<sup>1</sup>

### Introdução

A priori o presente artigo busca analisar e descrever os aspectos discursivos contidos nas crônicas de Luis Fernando Verissimo, tomando como corpus a crônica *O marido do Dr. Pompeu*, da obra *O melhor das comédias da vida privada*, (2004). De um modo em geral, o assunto de destaque nas investigações sobre as ideologias, é sem dúvida, a análise discursiva das crônicas de Verissimo, objetivando, muitas vezes, a observação das personagens ou dos elementos linguísticos. Posto isso, o que marca este artigo e o diferencia dos demais é que, por meio da hipótese de Verissimo ser um escritor muito lido, emana em busca dos valores contidos em suas crônicas, pois, diante de minha pesquisa, observo que a maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o autor dizem respeito a uma análise simplória de textos. Ou seja, não levam em consideração um elemento fundamental – os aspectos ideológicos, por muitos leitores tratarem a leitura de crônicas como um instante de lazer, portanto, uma leitura ingênua.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, são realizadas investigações acerca da Teoria do Texto e da Análise do Discurso, que permeia entre conceitos básicos dessas duas vertentes, texto, língua, discurso, até conceitos mais complexos como ideologia, formação discursiva, efeitos de sentido, condição de produção, interdiscurso, entre outros.

O gênero crônica reproduz a realidade, mas com uma visão recriada dos discursos dessa realidade, através do registro de fatos do cotidiano. Portanto, reflete implicitamente os valores

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás – GO. Email: [lajota\\_lk@hotmail.com](mailto:lajota_lk@hotmail.com)

ideológicos de uma dada sociedade. Afinal, tudo o que falamos, dizemos, escrevemos, todo e qualquer discurso é preenchido de valores e esses são mutáveis, ou seja, todo discurso é ideológico.

E assim como o gênero crônica, a ideologia não representa o sistema das relações reais, a sociedade, a burguesia, que governam a existência dos indivíduos, mas sim a relação imaginária dos indivíduos com essas relações reais de existência, se trata de uma relação imaginária, fictícia do mundo real. Involuntariamente, todos nós reproduzimos as condições para que tal relação imaginária se mantenha. São essas condições então que analisarei nas crônicas de Verissimo.

O interesse a respeito dessa temática surgiu pelo gosto aos gêneros tanto jornalísticos quanto literários e foi através das crônicas que pude fundir estes dois interesses juntamente com uma abordagem discursiva a qual deixa a investigação bastante interessante.

### **Princípios gerais da Análise do Discurso**

Maingueneau na sua obra *"Initiation aux méthodes de l'analyse du discours"* de 1976, afirma que foram os formalistas russos, no fim da década de 60, os responsáveis por começarem a estudar a linguagem de uma maneira única, daquilo que se chamaria mais tarde discurso, que etimologicamente tem aprisionada em si a ideia de movimento. Sendo assim palavra em movimento, curso, prática de linguagem, relações de sujeitos e de sentidos com muitos efeitos e distintos. O discurso, por preceito, não se fecha. Ele não é um conjunto de textos, mas um hábito, uma dispersão desses (ORLANDI, 2002). O discurso é resultado do entrecruzamento de vários discursos, que se negam e se contradizem. Dessa maneira, é comum encontrarmos sujeitos discursivos em oposição, em confronto acerca de um mesmo assunto.

De acordo com Fiorin (2007), o discurso é formado pela sintaxe e pela semântica. A sintaxe discursiva tem certa autonomia em relação às formações sociais e é o campo da manipulação consciente, ou seja, você determina como organizar seu discurso. Por outro lado, a semântica discursiva depende mais diretamente de fatores sociais e é o campo das escolhas inconscientes (embora o sujeito possa fazer algumas escolhas conscientes), pois os elementos semânticos usados nos discursos de determinada época constituem uma maneira de ver de uma dada

formação social. A semântica discursiva é, portanto, o campo da determinação ideológica. A análise do discurso é então, esse estudo do discurso, o estudo do homem na prática de falar, o estudo do efeito de sentidos entre locutores.

No entanto, a Análise do Discurso vai, além disso, ela aborda também preceitos básicos da linguagem como a língua, que além de estrutura é vista como um acontecimento, um significante de um sujeito atingido pela história. Um sistema concreto em constante transformação, que visa atender às necessidades dos sujeitos que a utilizam em uma determinada situação comunicativa. A respeito desse assunto, Orlandi (2002) argumenta que:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2002, p. 15-16)

Assim, para a Análise do Discurso, a língua tem sua ordem sintática, e reintroduz na Linguística a concepção de sujeito e de situação na análise da linguagem (ORLANDI, 2002, p.19). De acordo com as ideias de Bakhtin a respeito da AD “a língua constitui, relativamente à consciência individual, um sistema de normas imutáveis, que este é o modo de existência da língua para todo membro de uma comunidade linguística dada”. Para este estudo interessa, a língua agindo como prática de produção de sentidos e permitindo analisar unidades além da frase, ou seja, o texto.

Existe um grande interesse por parte dos estudiosos em Linguística a respeito desta unidade da língua. Para Halliday, linguista textual, texto é considerado unidade primeira da linguagem (ORLANDI, 2004, p.52). Orlandi retoma a ideia de Halliday de que para ele o texto “é uma passagem de qualquer comprimento que forma um todo unificado, pensando a linguagem em uso” (2002, p.18). Ele não pode ser definido pela sua extensão, pois pode ser desde uma só letra até mesmo um romance em sua íntegra. Trata-se de uma unidade semântica, uma unidade de sentido.

Segundo Orlandi (2002):

O texto, como dissemos, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem [...] Mas é também, e, sobretudo, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação. (ORLANDI, 2002, p.72)

É assim uma unidade múltipla, que constitui um todo que resulta de uma articulação de natureza linguístico-histórica. Todo texto é heterogêneo: quanto à natureza de diferentes matérias simbólicas, posições do sujeito e formações discursivas.

Percebemos então, que o discurso é uma dissipação de textos e o texto é uma dissipação do sujeito. Mas é também um espaço significante, que trabalha com os sentidos, a discursividade e a interpretação.

Compreendemos enfim, que a análise do discurso não está preocupada no texto em si como objeto final de explicação, mas como unidade que lhe autoriza ter ingresso ao discurso.

De modo que a análise do discurso não se resume apenas a estas unidades primárias, mas também às unidades como a ideologia, e que veremos no tópico a seguir de um modo mais abrangente e pleno. De forma que a notaremos dentro de exemplos expressos em crônicas.

## **Outros aspectos da Análise do Discurso**

Para abordar outros aspectos discursivos, mais complexos, retomarei a ideia de discurso, mas agora numa visão foucaultiana, apontando juntamente a ele elementos importantes para a análise da crônica “O marido do Dr. Pompeu” de Luís Fernando Veríssimo.

Segundo Brandão (1996) Foucault imaginou os discursos como uma dispersão, ou seja, como sendo constituídos por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Essa dispersão é descrita pela Análise do Discurso, buscando a instauração de regras capazes de

conduzir a formação dos discursos. Regras essas que determinam uma “formação discursiva”, portanto, se apresentam sempre como um sistema de interação entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias.

Conceituando o discurso como um conjunto de enunciados que se ligam a uma mesma formação discursiva, que para Foucault, são analisadas a partir da descrição dos enunciados que a compõem. Sendo assim, Foucault concebe o enunciado, como uma unidade elementar, essencial, que forma um discurso. O discurso seria concebido, dessa forma, como uma estipe de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 1996)

De acordo com Orlandi (2002) Desse modo, ainda que polêmica, a formação discursiva é fundamental na AD, pois permite depreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de instaurar regularidades no funcionamento do discurso.

A formação discursiva é conceituada como aquilo que a partir de uma posição dada em uma ocasião sócio histórica determina o que se pode e deve ser dito, ou seja, as formações discursivas marcam os valores que fazem parte do modo de pensar de cada pessoa em determinada época e espaço social. Elas podem ser vistas, então, como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações.

O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva. É todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas, que determinam o que dizemos. Mobiliza as relações de sentido, é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento ao longo do dizer. Como já dito anteriormente, o interdiscurso sustenta o dizer em uma adição/conjunção de formulações já feitas, mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. (ORLANDI, 2002)

Esses sentidos não se remetem só as palavras, aos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são gerados e que não estão subordinados somente aos intuitos dos sujeitos. Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas, constituídas pela contradição, heterogeneidade e fluidez. (ORLANDI, 2002)

Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições pré estabelecidas e que estão de alguma forma existentes no modo

como se diz, deixando indícios que o analista de discurso tem de apreender. Esses sentidos estão relacionados com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, os extremos do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2002)

Sendo assim, os efeitos de sentidos, são várias significações conseguidas de um texto, através de recursos linguísticos, ou seja, a utilização de outro recurso linguístico gera consequências, produz efeitos de sentidos diferentes.

Para que se obtenham esses efeitos de sentido, um elemento relevante são as condições em que determinado discurso é produzido – condições de produção. De acordo com Gedrat (2006 apud ORLANDI, 2003, p.30) as condições de produção, compreendem essencialmente os sujeitos e a situação, além da memória. A maneira como a memória 'aciona', faz valer as condições de produção, é básico.

Orlandi (2002) considera as condições de produção em sentido estrito, tendo com elas as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato. Em sentido amplo, as condições de produção abrangem o contexto sócio histórico, ideológico. De modo que as condições de produção demandam o que é material (a língua sujeita a enganos e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário (produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto, do discurso, dentro de uma conjuntura sócio histórica).

Percebe-se então que a própria noção de discurso leva em conta as condições histórico sociais de produção que envolve o discurso. E isso envolve também o contexto e a situação. Desse modo, dentro de um contexto sócio-histórico há várias situações e o que interfere na situação está envolta. A situação reforça o contexto (nosso conhecimento de mundo). Portanto a condição de produção está relacionada com “aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso” (FERNANDES, 2007, p. 29)

## **Ideologia**

Antes de iniciar a discussão acerca de ideologia, é necessário entender o conceito de signo, pois, como diria Bakhtin (2006), “sem signos não existe ideologia” (p.31). De acordo com tal autor

(2004), todo signo é ideológico: um pão e o vinho, por exemplo, são produtos de consumos, mas podem também serem transformados em signos ideológicos quando eles são usados para representar o corpo e o sangue de Cristo em cerimônias religiosas. Deste modo, “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra” (p.32).

Todo produto tecnológico, natural ou de consumo pode se tornar um signo. Assim, o signo pode ser qualquer tipo de representação, é um objeto material, um evento da realidade objetiva que vai obtendo uma função ideológica (PONZIO, 2008). Para um objeto tornar-se um signo, no entanto, é preciso que os indivíduos formem uma unidade social, pois os signos só são criados através da interação entre os indivíduos. Segundo Bakhtin (2004), “todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica. O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos” (p.32), fazendo com que o mesmo não seja apenas a expressão de uma 'ideia', mas a expressão de uma determinada posição.

Brandão (1996) retomando as ideias de Bakhtin mostra que:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer [...] O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem. (BRANDÃO, 1996, p.11)

Em relação à ideologia, esta designação foi criada pelo filósofo Destutt de Tracy, em 1810, designado como uma atividade científica que procurava analisar a atividade de pensar, relacionando as ideias com o meio, ou seja, a interação.

Era estudada por Marx e Engels, mas de um modo bastante mecanicista, isto é, segundo Bakhtin e seu Círculo, os teóricos marxistas procuravam estabelecer uma ligação direta entre

acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e sua repercussão nas superestruturas ideológicas. Para Bakhtin, então, era necessário quebrar essa tradição de análise da ideologia.

Bakhtin, juntamente com os componentes do seu Círculo, vai construir o conceito de ideologia na materialização do acontecimento e não na perspectiva idealista de Marx e Engels. Por não concordar inteiramente, com a conceituação de ideologia como “falsa consciência”, vista como uma camuflagem da realidade social, encobrindo as contradições e diferenças entre as classes sociais, promovida pela norma vigente e aplicada a ação de domínio sobre os indivíduos, é que eles vão destruir esta ideia e reconstruir parte desse conceito, colocando ao lado da ideologia oficial a ideologia do cotidiano (BRAIT, 2005).

Miotello retomando Bakhtin (apud, BRAIT, 2005) diz que, a ideologia oficial é entendida como condicionalmente dominante, procurando estabelecer um conceito único de realização de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que nasce e é estabelecida nos encontros eventuais e casuais, se conservando relativamente instabilizada diante a ideologia oficial de uma determinada sociedade, infiltrando-se nas instituições ideológicas, as renovando e vice-versa, com as condições de interação social. Bakhtin e Volochinov advogam que a ideologia do cotidiano se ordena em um estrato diretamente superior, nas interações já mais definidas e estáveis, com condições de estabelecer padrões mínimos de estabilidade nos sentidos postos em circulação.

De acordo com Miotello (BRAIT, 2005), Bakhtin e seu Círculo puderam assim, estabelecer uma relação dialética se dando entre ambos na materialização. De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou tema, condicionalmente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, condicionalmente instável, e ambas compoem o contexto ideológico completo e único.

Segundo Gedrat (2006), após declarações de Napoleão, sobre a ideologia em 1812, ela passa a ser vista como uma doutrina imaginária e intolerante, sem fundamento objetivo e perigosa para a ordem vigente.

Ressaltando distintas conceituações, a respeito de ideologia, de outros linguistas, Fiorin (2007) a define como uma visão de mundo de uma classe social; a maneira como uma classe se institui, comprova e explica a realidade. Assim, numa formação social existem tantas visões de mundo quantas forem às classes sociais. Com base nisso, o autor afirma que não há conhecimento neutro, já que ele sempre expressa um ponto de vista de determinada sociedade. A

ideologia constitui e é constituída pela realidade. Ela não é um conjunto de ideias que surge da mente de alguns pensadores, mas é determinada pelo modo de produção de um dado sistema. Dessa forma, a ideologia dominante é a ideologia acatada pelo meio.

Gedrat retomando Althusser diz que a Ideologia não tem história e é eterna, imutável na sua forma. Nela o indivíduo tem representada a sua relação imaginária com suas reais condições de existência. Imaginária no sentido de que o sistema dominante, se encarrega de fazer os indivíduos pensarem que tudo está certo da forma como está, isto é, um sujeito assujeitado a ideologia. Sendo assim a Ideologia age inconscientemente e domina. Segundo Gedrat (2006), “se um indivíduo possui crenças e ideias, sua conduta reflete tais ideias e crenças” (p.129).

Sendo assim, de forma direta e explícita encontrada no texto “Que é linguagem” de Volochinov, escrito em 1930, “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras sígnicas.” (BRAIT, 2005). Dito isso, se poderia qualificar ideologia, do ponto de vista bakhtiniano, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico materiais dos homens instaurada e intermediada pelos signos. (BRAIT, 2005)

Por sua vez, as ideologias como significações da realidade têm sua materialização nas práticas discursivas. As ideologias são assim veiculadas nas sociedades através do discurso. Discurso este materializado neste artigo pelo gênero crônica, a qual encontraremos nela diversos aspectos ideológicos.

### **Gênero na visão Bakhtiniana**

O estudo dos gêneros textuais teve origem em Platão, com a tradição poética e em Aristóteles, com a tradição retórica, mas ela sai dessa perspectiva e vem para a linguística, focalizando-se nas perspectivas discursivas, com maior ênfase nos estudos do Círculo de Bakhtin.

Segundo Rodrigues (2005), a noção de gênero em Bakhtin é vista, como uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos pontos (regularidades) em comum, que se construíram no decorrer do tempo nas relações humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é verificado pelos falantes. Bakhtin diz que os gêneros são

“impessoais”, pois não são os enunciados, restritos e irrepetíveis: no entanto, não são individualidades abstratas, são históricos e concretos.

De acordo com Rodrigues (2005) “Os formalistas geralmente definem gênero como certo conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida. Como os dispositivos básicos já tinham sido previamente definidos, o gênero foi mecanicamente compreendido como sendo composto desses dispositivos. Dessa forma, os formalistas não apreenderam o significado real do gênero” (MEDVEDEV, 1928 apud FARACO, 2003, p.115)

Bakhtin e seu círculo correlacionam também os gêneros às atividades e interações humanas de determinada esfera social. Apenas nessa situação de interação que se pode assimilar a constituição e o funcionamento dos gêneros. O que constitui um gênero é a interação social, e não as suas propriedades formais. (RODRIGUES, 2005)

Em linhas gerais, os gêneros correspondem a situações de interação verbal típicas, normativas do enunciado: cada gênero está perpetuado a uma situação social de interação, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário. Em que a heterogeneidade dos gêneros, se dá a partir da diversidade ideológica das diferentes esferas sociais. (RODRIGUES, 2005). Um último aspecto abordado por Bakhtin, diz respeito aos gêneros primário, da modalidade oral da linguagem e das esferas do cotidiano, e gêneros secundários, do discurso às esferas dos sistemas ideológicos constituídos, que se dão em situações sociais mais complexas e evoluídas, relacionada à modalidade escrita da linguagem. (ROJO, 2005)

Enfim, de acordo com Rodrigues (2005, p.169) todas essas características dos gêneros apontam para a sua relativa estabilidade, sua dinamicidade e sua relação enredada com a situação social de interação.

Após contextualizar de modo geral gêneros, sigamos com o gênero crônica de um modo mais delimitado.

## **O gênero Crônica**

A palavra crônica vem do grego *chronikós*, esta associada a tempo (*chrónos*) e por um bom

tempo o termo foi empregado para designar uma série de acontecimentos dispostos em uma ordem sequencial e cronológica.

Com a divulgação do jornalismo a crônica ligou-se ao jornal como uma narração do cotidiano e em 1799 surgiu em Paris para criticar a atividade dramática da época, de nome *feuilletons*. Segundo Sá (1985), a crônica incidiu no Brasil com Pero Vaz de Caminha. O modo subjetivo como o rei retratou a terra recém-descoberta, os índios, sua tradição naquele momento de cotejo entre a cultura européia e a primitiva, mostrou-se uma visão mais crônica que histórica. Desenvolve-se aqui de uma forma distinta de outras literaturas.

A crônica, no Brasil, apresenta uma estrutura livre por isso é considerada um gênero híbrido, ao qual se atribui a objetividade característica do jornalismo e a subjetividade, caráter próprio da literatura.

Seu tom ligeiro e curto lhe oferece um traço natural que faz da crônica nos dias de hoje um gênero textual sedutor e interessante para o início da prática escolar, visto que por meio de uma linguagem simples tratam dos fatos habituais, auxiliando na instauração da dimensão das coisas e das pessoas, algumas vezes, com um tom humorístico, outras, com lirismo e singularidade. Na maioria das vezes, a crônica não apresenta narrador, mas apenas diálogos, apresentando uma sucessão de ideias, dado à rapidez dos fatos ocorridos.

A pressa de escrever, junta-se à de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases trouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. (SÁ, 1985, p.10 - 11).

Por ser um gênero singelo e despretenso, a crônica consegue ser atraente e reveladora. Podendo assim tratar de qualquer tema, que vão desde a realidade vivida até mesmo a falta de um

assunto específico. Embora esta falta de pretensão temática, ele é sempre recorrente ao abordar o cotidiano e o banal, de modo a explicitar a essência estilística da crônica.

Ao se tratar de cotidiano e outros temas despretensiosos fazem com que a crônica não seja considerada como literatura e muitos ainda a denominarem como “gênero menor”. Mas é por este gênero permear esta discussão que Candido (2006), acrescenta:

a crônica não é um ‘gênero maior’ [...] ‘Graças a Deus’, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...]. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. (CANDIDO, 2006)

Apesar de ser um gênero de difícil definição, é essencial que se reconheça que é um gênero que traz temas do cotidiano, tem uma linguagem atual, tem ingredientes propriamente literários, onde se destacam o humor. E é por meio desses traços específicos de constituição da crônica que há um aprendizado por meio dos leitores e são, segundo Candido (2006), um meio privilegiado de apresentar ao leitor de modo persuasivo muitos temas que divertem, atraem, inspiram e fazem o indivíduo amadurecer a sua visão de mundo.

### **Ideologias na crônica de Verissimo**

Como vimos, é na comunicação árdua que se constitui a ideologia, ou seja, a interação dialógica onde o nosso dizer é uma reação resposta a outros enunciados, e pelo gênero crônica expressar fatos da realidade cotidiana e ser o meio narrativo que mais se assemelha a comunicação contínua de uma dada sociedade é que percebemos traços ideológicos presentes nesta.

“O marido do Dr. Pompeu” é uma crônica narrada em terceira pessoa e traz a história de

Dr. Pompeu e sua esposa. A mulher de Dr. Pompeu, depois de 25 anos de casada, pediu o divórcio. “Queria viver sua própria vida, estudar psicologia, ter sua própria carreira” (VERISSIMO, 2004, p. 22). Encontramos aí uma ideologia feminista, que surgiu em 1968 e questionava a posição social das mulheres, de modo que a mulher e o homem deveriam ter o mesmo papel na sociedade, sem diferenças sexuais. Dr. Pompeu após o desenlace matrimonial arrumou outra pessoa. Em vez de uma mulher, arranhou um marido. “Um homem apenas um pouco mais velho do que ele, grisalho, ar respeitável. Um empresário de muito conceito” (VERISSIMO, 2004, p. 22). A ex-esposa foi pedir explicações:

- Pompeu, você enlouqueceu:
- Por quê?
- Todos estes anos, eu nunca desconfiei que você fosse... desses.
- Esses o quê?
- Você sabe muito bem. Um... (VERISSIMO, 2004, p. 22).

A loucura impediu que se acreditasse nas ações ou nas palavras do sujeito, usado no discurso da ex-esposa de Pompeu pelo termo 'enlouqueceu', que tira a credibilidade de Pompeu, dando uma maior consistência ao discurso da ex-esposa. A loucura materializada pela escolha de Pompeu, em morar com outro homem.

A história traz vários discursos a respeito do casamento – que somente o casamento tradicional heterossexuais é aceito pela sociedade –, divórcio – há 25 anos era algo ainda difícil de ser imposto perante o meio social –, homossexualidade – a sexualidade ainda é vista como um tabu em pleno século XXI, entre outros. E é a partir destes fatos sociais, que as ideologias materializadas nos discursos, estes por sua vez materializados nos enunciados, contribuem para a produção de sentidos do texto. Sendo assim, a partir do discurso central: o casamento, percebemos diversas formações discursivas como o casamento tradicional versus o casamento homossexual, o divórcio, o preconceito diante ao suposto homossexualismo, a inversão de papéis, etc., que produziram os vários sentidos, os vários efeitos de sentido.

Esses discursos que materializam os sentidos são gerados dentro de determinadas condições de produção através das quais podemos compreender os sujeitos e a situação social, que nessa crônica é materializada na década de 90, a situação reforça o contexto que ainda naquela época é de preconceitos e tabus, mas que alguns já estão sendo quebrados como: a emancipação feminina, mas outros como a apologia ao preconceito sexual, ainda é manifestado socialmente.

Ao observarmos o término do casamento de Pompeu e sua mulher após 25 anos, notamos um discurso que evidência as marcas dos valores sociais das mulheres representados pelo discurso: “[...] não queria mais ser apenas uma dona de casa. Queria viver sua própria vida, estudar psicologia, ter sua própria carreira” (VERISSIMO, 2004, p.22). Através dos termos 'não queria' e 'queria viver' notamos uma marca ideológica feminina, a emancipação das mulheres, o desejo de construir uma própria carreira e não apenas cuidar dos filhos, marido e lar.

Como Bakhtin/Volochinov defendem (BRAIT, 2005), as mais passageiras e banais mudanças sociais ressoam na língua, onde os sujeitos inscrevem nas entonações, palavras, acentos apreciativos, nos comportamentos, nos indicies de valores e nas mudanças sociais. E é isto que ocorre na mudança de atitude da mulher, que não quer mais ser “do lar”, para agora ter sua própria carreira, claro no trecho “As razões dela eram normais para a época” (VERISSIMO, 2004, p.22). O termo “época” ai usado, deixa explicito que a ideologia de outros tempos era distinta daquela época e como essas mudanças ideológicas ressoam nas palavras. Notamos a partir desse termo a existência de uma formação discursiva, que marcam os valores que fazem parte do modo de pensar de cada pessoa em determinada época e espaço social, ou seja, nessa época a mulher não estava mais se subordinando ao homem, somente cuidando dos afazeres domésticos, mas os homens ainda não podiam ter relações homossexuais, 'naquela época'.

Outro fato discutido nessa crônica é o da homossexualidade e o preconceito implícito, de que o escândalo maior, não era a mulher querer trocar o casamento por uma carreira, mas “O Pompeu” ter arranjado um homem ao invés de uma mulher, o que causa uma ruptura da ordem do discurso, pois se espera que um homem 'como' Pompeu se case com uma mulher. A ex-mulher ao cobrar satisfações deixa implícito seu preconceito, que seria uma das formas estabelecidas por Ducrot em 1972 – três formas: implícito, pressuposto e subentendido – de não-dizer. A mulher ao dizer: “Todos esses anos, eu nunca desconfiei que você fosse... desses.” (VERISSIMO, 2004, p.22),

deixa implícito o seu preconceito contra as relações homossexuais. O não-dito aqui é relevante para uma situação significativa.

A mulher apresenta uma ideologia de resistência a tal fato “Boa tarde – disse a mulher, seca” (VERISSIMO, 2004, p.22), mostrando que a norma vigente impõe uma ideologia de rejeição e resistência à homossexualidade ao mesmo tempo em que vai contra ao preconceito “[...] para mostrar como ainda existem preconceitos” (VERISSIMO, 2004, p.22). Esse valor preconceituoso e de surpresa quanto à condição do marido fica nítido nos usos de termos como “O Pompeu”, “desses”, “de nós é” ou uso de pontuações como a reticências: “Você sabe muito bem. Um...”, que mostra também um valor ofensivo, e é visto como um silêncio significativo, percebendo-se um preconceito diante a homossexualidade através do não dito.

Dr. Pompeu então, se justifica, dizendo que não é nada do que ela está pensando, e esclarece que é apenas um acordo. Ele faz os afazeres domésticos e o suposto marido cuida da vida financeira do casal. O autor mostra ironicamente a ideologia de subordinação da mulher através do personagem masculino: “Não trabalho, não me preocupo com as contas, com a segurança da família, com todas essas coisas de homem. E o melhor: quando tenho que descrever minha profissão, posso botar 'Do lar'” (VERISSIMO, 2004, p. 23).

O cronista tematiza o divórcio e a emancipação feminina, exaltando os valores sociais e com humor inverte os papéis sociais do homem e da mulher – a mulher busca o mercado de trabalho e o homem fica em casa, cuidando dos afazeres domésticos. O que é extremamente ideológico essa inversão dos papéis, pois mostra a mudança de valores de um dado grupo, de uma dada sociedade. Fato este explícito na última frase da crônica, que mostra está inversão através de um discurso feminino exposto na voz masculina: “E agora me dá licença que preciso tratar do nosso jantar. Depois do jantar ele vê o Jornal Nacional e eu fico esperando a hora de minha novela. Passe bem” (VERISSIMO, 2004, p.23). Aqui os papeis invertidos, mostram que os valores ideológicos da sociedade brasileira foram mudados. O autor retrata assim, a realidade de muitos casais modernos.

Compreender que nessa crônica existem ideologias diferentes, no que se refere tanto ao discurso do casamento tradicional versus discursos que se opõem a esse modelo como casamento de pessoas do mesmo sexo, quanto aos discursos de divórcio e emancipação feminina é a peça vital para atribuímos sentidos a esse gênero discursivo. Os distintos discursos objetivados na

crônica levam-nos a refletir sobre as mudanças de comportamentos, de valores, de ideologias que as sociedades têm passado e, portanto, revela-nos mundos em discordância, que dialogam entre si.

## Considerações Finais

Observamos na crônica *O Marido do Dr. Pompeu* de Luis Fernando Verissimo (2004) o funcionamento da discursividade. A função do analista do discurso é tornar possível a revelação da obscuridade contida nos discursos, já que seu objeto é o próprio discurso, compreendido como efeitos de sentidos entre interlocutores, sentidos que serão interpretados pelo sujeito, mas que envolvem a compreensão dos processos discursivos.

Optamos nessa análise, pelos sentidos gerados a partir da ação ideológica, sendo uma ilusão pensar que o sujeito é origem do seu discurso, afinal ele está suscetível aos efeitos ideológicos e inconscientes, ou seja, os sentidos evidentes prevaletentes do discurso estão sob a ação da ideologia, fazendo parecer naturais. É o apagamento do processo de constituição dos sentidos que produz a impressão da transparência da linguagem, causando um efeito de evidência, minucioso.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BRAIR, Beth. *Bakhtin: conceitos – chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução a Análise do Discurso*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 2006.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

FLÔRES, O. (Org), KARNOPP, L. E GEDRAT, D. *Teorias do texto e do discurso*. Canoas, RS: Ulbra, 2006.

MEURER, J. L. BONINI, Adair e ROTH, D. M. (Org). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O melhor das comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

## **Anexos:**

### **O marido do Dr. Pompeu**

Ninguém estranhou quando, depois de vinte e cinco anos de casamento, filhos criados, a mulher do Dr. Pompeu pediu divórcio. As razões dela eram normais para a época: não queria mais ser apenas uma dona de casa. Queria viver sua própria vida, estudar psicologia, ter sua própria carreira. Tudo bem. O escândalo, para mostrar como ainda existem preconceitos, foi quando souberam que o Dr. Pompeu em vez de outra mulher, arranjava um marido.

Quem diria, hein? O Pompeu.

A própria mulher foi pedir satisfações:

- Pompeu, você enlouqueceu?
- Por quê?

- Todos estes anos, eu nunca desconfiei que você fosse... desses.
- Desses o que?
- Você sabe muito bem. Um...

A mulher se calou porque nesse exato momento chegou em casa o marido do Dr. Pompeu. Um homem apenas um pouco mais velho do que ele, grisalho, ar respeitável. Um empresário de muito conceito.

- Alô... – disse o marido do Dr. Pompeu, um pouco constrangido.
- Oi – disse o Dr. Pompeu, alegremente.
- Boa tarde – disse a mulher, seca.

O marido do Dr. Pompeu foi tomar seu banho, ouvindo a promessa do Dr. Pompeu que o jantar estaria na mesa num instantinho. Quando a mulher ia recomeçar a falar, o Dr. Pompeu a deteve com um gesto.

- Não é nada do que você está pensando – disse.
- Que eu estou pensando, não, Pompeu. Que todo mundo está pensando.
- Nós temos um acordo. Eu cuido da casa para ele, supervisiono o trabalho das empregadas, faço as compras, faço tudo para que ele tenha uma vida doméstica organizada e feliz. Em troca, ele me sustenta. Não temos nenhum contato sexual porque nenhum de nós é como você disse com tanta eloquência, desses.

– Mas, Pompeu...

– Eu não tenho do que me queixar. Meu padrão de vida melhorou. Ele me dá dinheiro para tudo que eu preciso. Inclusive, aliás, para pagar sua pensão. E hoje eu posso fazer o que sempre sonhei. Não trabalho, não me preocupo com as contas, com a segurança da família, com todas essas coisas de homem. E o melhor: quando tenho que descrever minha profissão, posso botar “Do lar”.

– Mas Pompeu!

– E agora me dá licença que preciso tratar do nosso jantar. Depois do jantar ele vê o Jornal Nacional e eu fico esperando a hora da minha novela. Passe bem.